



MOA SIPRIANO

RODOPIÁ

Moa Sipriano

Acordei acreditando que meu dia seria inesquecível. Eu simplesmente elevaria meu corpanzil magnífico e desceria aquela longa escada espargindo uma aura triunfante. No meio na sala, eu encararia mamãe aplaudindo minha vitória com palmas enérgicas e gritinhos histéricos, toda orgulhosa em ver seu filho único bem ereto, quase em pose militar, promovendo o férreo segundo passo. Meu pai, como sempre, estrebuchado na velha poltrona de couro australiano, estamparia seu patético olhar enviesado, sorrindo por dentro, onde seu semblante amaciado me diria:

“Parabéns, filhão. Você conseguiu!”

Eu confirmaria os velhos encharcados em lágrimas, vertendo alegria, alívio e satisfação por todos os poros.

Mamãe, logo em seguida ao meu ato histórico, me presentearia com uma generosa fatia de bolo de chocolate lambuzada com aquela misteriosa calda bem melequenta que eu tanto amava.

Os três membros da McFamília Feliz entoariam o velho e bom “Parabéns a você” em uníssono, bem desafinados, como impõe a tradição. E nos empanturraríamos de bolo e vinho e cerveja e...

“Pare! Seu merda. Você não tem o direito de sonhar! Seu canalha.”, eu gritava em silêncio, roufenho, me estapeando acima do umbigo, até sentir minhas faces queimando bem no centro do meu espírito estropiado.

Com dificuldade, tonteado sobre a cama arqueada, eu puxava meus cabelos – um tique nervoso que adquiri após o acidente – e ameaçava bater com eficácia a minha cabeça vazia na parede nicotinada mais próxima.

Marcas de um desesperado.

Toda vez que eu acordava, eu queria morrer.

Meu corpo esquelético, após um tremendo esforço, pousou sua insignificância na gasta cadeira de rodas. Envenenado pela frustração, segui até o banheiro.

Lavei o rosto. Borbulhei dentro da bocarra uma dose generosa de desinfetante mentolado. Cuspi a podridão da noite. Bom dia, hálito puro!

Na casa de minha mãe não havia escadas. Do banheiro, rodopiei até a cozinha, seguindo a fragrância de um café forte, recém-coado.

Dei “bom dia” pra velha. Ela murmurou algo ininteligível. Minha caneca de porcelana com a estampa do São Paulo repousava sobre a amarelada mesa de plástico.

Ansioso, após engolir três cavalares porções do negro ouro, aguardei com ar infantil a possibilidade do triunfal e vibrante *“parabéns pra você, meu filho”* acompanhado de um largo sorriso materno, igual a um comercial de margarina.

Ganhei da Dona Realidade um par de olhos mareados, aflitos para abandonar o mais rápido possível aquele lar-muxoxo-lar e auferir o ar frio incomum de uma quinta-feira infernal.

“Se-tem-bro. Se você quer que algo dê certo na sua vida, comece seja lá o que for somente em setembro”, meu pai pregava quando eu era garoto.

Apego-me a lembranças, lindas lembranças.

“Quer arrumar um novo emprego?”, ele sempre me dizia, “Faça isso em setembro!”

“Quer pedir a mão da moça em noivado? Setembro é o melhor mês para os apaixonados declararem seu amor e firmarem os votos de boa união perante uma próspera existência”, ele repetia e repetia essas e mais uma centena de motivos estapafúrdios para justificar a sua adoração ao Senhor Setembro.

Céus, quanta saudade!

Se for possível um homem amar outro homem nessa vida, eu amei demais esse velho idiota, que me mimou além do impossível, que cuidou demais de mim-eu-mesmo, que me ensinou a ser um homem de verdade já aos onze anos de idade.

Homem de verdade? Que absurdo ousar afirmar?

Eu sou um bosta, um pária, um verme. Eu deveria morrer. Eu deveria estar no inferno ao lado do vovô. Ele tinha era a obrigação de me aprumar com muitas palmadas.

“Tô saindo agora e não tenho hora pra voltar... se é que eu vou voltar... hoje”, disse minha mãe, quebrando a frase em dor e sufoco, sem dirigir o olhar para mim.

“Talvez eu pouse na casa da Cida. Se quiser comer algo mais tarde, faça um lanche com o que tem na geladeira”, ela concluiu, abrindo e batendo logo em seguida a porta da cozinha, onde uma lufada glacial fora de época arrebentou o último fio de esperança de uma manhã que deveria ser pincelada de serpentinas brancas e balões vermelhos.

* * *

Fazia uma eternidade que meu relacionamento com mamãe era catastrófico. Ela falava comigo o estritamente necessário. Assim que eu deixei o hospital amparado por uma cadeira de rodas, por um período irrisório Dona Eva cuidou do seu filho inválido, como tudo deveria ser.

Lembro-me que logo que ela percebeu que eu conseguia, porcamente, me virar, dispensou seus cuidados mais intensos, indo chorar sua dor pelos cantos, desesperançada e distante, sentindo a falta do verdadeiro companheiro da sua vida: meu pai.

Mudamos de casa poucos meses após a tragédia. Era a nova realidade de duas existências empobrecidas. Foi tudo muito rápido. Mais humildes, achávamos que conseguiríamos fugir do nosso passado.

George, meu pai, era um baita alemão gaiato, idêntico aos desenhos fanfarrões que a gente vê estampados nos folhetos promocionais de uma Oktoberfest.

Éramos cu-e-calça. A gente interagia muito bem, não somente como pai e filho, mas como fantásticos amigos; companheiros de todas as etapas de uma vidinha harmoniosa. Eu ascendi prematuramente na companhia do meu pai.

Futebol era a nossa perdição. Quando o São Paulo entrava em campo era um deus-nos-acuda. Arrasta sofá pra lá, puxa a televisão pra cá. Aumenta o som. Chama os vizinhos. Rogério aparecia na Globo e eu delirava. Esse é o meu herói!

O jogo vai começar...

E dá-lhe salgadinho de quinta e cerveja de primeira nos *ômi* da casa.

Cerveja. Sim senhor!

Como um bom pedaço de alemão que sou, comecei a beber muito cedo, sempre supervisionado pelo olhar opalina do velho bonachão.

Cerveja, cerveja, cerveja.

Vinho? É coisa de italiano. Mas até que eu dava lá as minhas bicadas em ocasiões muito específicas – como para esquecer os últimos natais, por exemplo –, sem jamais ultrapassar o limite de uma singular taça. De cinco litros!

O álcool sempre eleva nossa hipocrisia, inflando nossa mediocridade.

Aniversário. Minha única data de reais comemorações.

Sou egoísta. Nunca dei bolas para outras festividades. Meu ser só vibrava em tesão e alegrias no vinte e três de setembro. O *meu* dia!

Presentes debaixo da cama (uma tradição na família Müller), rasgação de papéis multicoloridos, abertura de caixas e pacotes de todos os tamanhos, de onde saltavam tênis, meias, cuecas, calças *jeans* e eventualmente algum brinquedo simples, sem frescuras, que sempre me fazia transbordar de palpável felicidade.

Ah, e bolas, bolas, muitas bolas. Elas não podiam faltar.

Um dia eu vou chutar pro Rogério defender!

Doce ilusão.

Cinco anos atrás – eu com catorze, corpo varapau de dezoito e cabeça que eu julgava ingenuamente vinte um –, fui brindado com uma ancestral CG 125 vermelha muito bem conservada, fulgurante, trincando de polida diante dos meus olhos azulegos, vitrificados.

Ignorei os protestos da minha mãe e caí nos braços do meu pai, beijando e lambendo o seu rosto como um cão vadio que acabara de ganhar uma cumbuca com a mais saborosa das rações.

Eu já sabia pilotar naquela época, pois aprendi o macete com um colega de escola. Tito e eu costumávamos brincar de MotoCross num descampado atrás da casa dele.

Meu *bróde* me ensinou muita coisa bacana na arte de pilotar – com paciência, boa cerveja e muitas gargalhadas – e até que não levou muito tempo para eu dominar sua máquina: uma XL 250 branca, preta e vermelha. As cores do nosso time do coração!

Lembro-me daquele fim de tarde quando meu pai me pegou no pulo, literalmente, enquanto eu empinava a moto de Tito e permanecia numa roda só durante uma eternidade.

Apreciando minha destreza, o mecânico nem sequer esboçou me dar uma saraivada de broncas. O cinto não cantou. Pelo contrário, ganhei assovios excitados e vi que várias palmas tensas em assombro ecoaram nas entrelinhas do ar poluído.

Na cabeça do meu pai, eu já era um campeão... nato.

Naquele aniversário, o objetivo da CGzinha, segundo meu pai, era fazer com que eu ganhasse experiência na parte mecânica e também na pilotagem do dia a dia.

Papai queria restringir meus passeios apenas em algumas ruas do Brooklin, somente nos finais de semana (claro que era evidente que ele não falava sério, pois a liberdade de filho único me permitia quebrar quase todas as regras) e me garantiu que eu teria uma possante melhor a cada ano, até alcançar o privilégio de pilotar uma máquina pronta para competições. Esse passou a ser o nosso sonho, mesmo debaixo de protestos intensos de caras e bocas e gritos alucinados da minha mãe desolada, porém sempre submissa ao meu pai.

Por uma traquinagem do Destino, o São Paulo ia jogar naquela noite no Morumbi e meu pai queria encerrar minha data querida com muitas felicidades e muitos anos de recordações maravilhosas.

Oh, Santo Deus. Não dá pra segurar a porra das lágrimas!

Íamos ao estádio apoiar o nosso time. Juntos, pela primeira vez. Tudo ao vivo e em cores vibrantes. *São Paaauuuloooo!*

Queríamos estrear oficialmente a motoca. Com os capacetes a postos e documentos em ordem, lá fomos nós, trêmulos e eufóricos. Eu agarrado a contragosto na cintura molenga de papai, deixando minha mãe chateada na cozinha, limpando a bagunça de uma inocente festa besuntada em pastas baunilhas e massas de chocolate.

A partida foi emocionante, como não podia deixar de ser. Dois a um pra nós diante de um adversário de peso: o Santos. Uivos de felicidade. Uma noite gloriosa. Não cabíamos em nós mesmos.

Já longe do estádio, trotando de volta ao lar, Georjão, nas nuvens, resolveu parar num boteco conhecido. Entornamos umas oito garrafas de cerveja em conjunto. Estávamos bem mais do que alegres. Éramos machos realizados. Nada podia contra *nóis*. Dois ignorantes numa noite que deveria ser encerrada em orgulhosas gargalhadas e belos sonhos cenínicos.

Homenzarrão ridículo, me sentindo dono de todas as minhas faculdades mentais e físicas, exigi a chave da moto junto ao meu pai. Afinal, ainda era o *meu* aniversário.

Ele refletiu por exatos três segundos e, sorridente, jogou o molho prateado sobre a minha mão vitoriosa, entregando-me a sorte do seu destino.

Agora era a minha vez de provar nada pra ninguém.

Faltava menos de um quilômetro para chegarmos ao nosso refúgio. Mesmo sonolento, eu mantinha orgulho em acreditar que estava pilotando muito bem.

Eu era “o” cara!

De repente, chispas amarelas cruzaram meu olhar embaçado. Os estampidos de um emaranhado de buzinas distantes deturpavam todos os meus sentidos. Meu pai agarrou minha cintura com uma força fora do habitual e sua investida involuntária sobre minha bunda travada acabou me incomodando sobremaneira.

Senti seus braços sendo esticados além do limite e suas mãos desesperadas tentavam buscar o controle da minha máquina, que nesse instante serpenteava sobre placas metálicas, disparando nossos corpos inertes até as imediações do inferno.

Inferno, fogo, ferro retorcido, fagulhas, tudo faiscante. Dor, muita dor. Onde estão minhas pernas? O cintilar de luzes vermelhas e amarelas e brancas tonteava meu controle fora de órbitas e o que restara do meu corpo agora inválido.

Agonia, desespero, gritos de homens, mulheres e até de uma criança sensivelmente assustada.

“Papai, papai, o que aconteceu?”, eu tentava soluçar para o mundo, transformando-me no menino indefeso e ignorante que eu fora um dia.

Minha voz era embaçada, minha visão era um falsete, todos os ossos do meu cérebro e da baixa parte esquerda do meu corpo eram expostos em lascas retorcidas.

“Parabéns a você, seu idiota. Nessa data querida, seu imbecil”, cantarolava meu estrábico anjinho da guarda, enquanto lixava as unhas.

Cachorros e cavalos bailavam diante dos meus olhos costurados. As luzes emitiam timbres dissonantes. Os sons disparavam clarões esparsos.

Meu pai não estava mais próximo de mim. Minha mãe não estava junto de mim. Eu não estava certo de absolutamente nada ao meu redor.

Um coice na minha cabeça desferido pelo cachorro afeminado descambou meus pensamentos para bem longe. O cavalo de chifres latia e latia sem parar. Eu estava ficando louco e o chão se abria em valas elétricas.

Era chegada a hora de conhecer o capeta em pessoa. Um homem de cinza e vermelho segurou meu pescoço. Outras mãos masculinas remexiam meu corpo. Senti cócegas. Soltei um riso tosco. Colocaram-me sobre uma tábua de plástico, tipo gema de ovo. Achei que era o meu caixão de eucalipto.

Um *tilt* e um adeus.

Eu morri pela primeira vez.

* * *

Acordei quatro ou seis dias depois, imobilizado do pescoço para baixo.

Mumificada ao meu lado, com o rosto encovado, olhos esbugalhados e faces translúcidas devido à enxurrada de lágrimas recentes, a senhora Eva Müller segurava um rosário de contas faltantes e rezava suas orações num alemão capenga, isolada numa décima parte do sétimo universo, absorta em seus delírios fragmentados.

Proferindo com dificuldade as clichérianas perguntas pós-trauma: *Onde estou? O que aconteceu? Onde está papai? Quem ganhou o jogo?*, e outras barbaridades do gênero, minha mãe direcionou com pesar um olhar pitanga carregado de ódio sobre mim. Seu semblante congelou meu espírito dilacerado.

Com uma calma e uma frieza sobrenatural, Dona Eva, num tom áspero, replicou, entre pausas doloridas:

“Você está num hospital público. Você e sua maldita moto sofreram um grave acidente. Seu pai morreu. O desgraçado do São Paulo ganhou o jogo. Agora que você acordou, eu só posso lhe dizer adeus. Eu preciso descansar. Sozinha!”

E assim fiquei ali, isolado, estatelado na fundura do colchão, tentando deglutir o comportamento da velha e suas frases mórbidas.

Levei semanas para permitir que a ficha caísse em definitivo.

* * *

Após tanto sofrimento, vazio e penitência, tudo o que eu mais queria no meu Vinte e Três era somente um abraço bem apertado de qualquer ser humano a cruzar o meu caminho. Eu queria abrir a porta da sala e me sentir amado. Ao menos confortado por alguém. Talvez um sorriso ingênuo de um estranho já me faria um bem enorme.

Cadê Roberval, o carteiro?

Eu só sonhava com um “feliz aniversário, Rod Müller!”

Na data fatídica, minha mãe saía logo cedo para passar todas as horas possíveis ao lado do meu pai, lá no Cemitério da Consolação.

O ritual consistia na compra de flores brancas, além de alguns produtos de limpeza e sacos de estopa na intenção submissa de deixar a lápide limpa e brilhante, onde o granito talvez grafite e as letras, sei lá, em bronze, disputariam para ver quem seria capaz de emitir a luz mais radiante logo após o fino trato proporcionado pela minha Santa Eva.

Ela nunca permitiu que eu estivesse presente no seu momento solene.

“Você seria um transtorno!”, ela cacarejava, aos berros, toda vez que eu fazia a mais leve menção de acompanhá-la.

Por inércia, vergonha e covardia, eu jamais visitei o túmulo do meu pai.

Graças à tia Cida, descobri que logo em seguida do ritual de orações, limpeza, flores, mais orações, lágrimas e sangue, minha mãe se refugiava na sua casa, que ficava do outro lado da cidade, num bairro que eu nunca conseguia pronunciar o nome corretamente.

Então essa era a minha sina. Permanecer isolado e solitário no mundo.

Meus heróis do futebol e os amigos de escola não morreram de overdose, mas com o passar dos anos, os poucos seres da minha idade e do meu convívio quase que diário foram se afastando da minha dolorosa, patética e insignificante presença.

Meu estado permanente de ausência de humor e minha nova condição deficiente da cintura para baixo em nada me ajudavam a ganhar pontos perante a linda Sociedade.

Adeus cursos de inglês e espanhol, adeus peladas às sextas-feiras, adeus MotoCross no descampado, adeus punhetas no quadrado-azulejo antes do ritual do banho.

Eu me sentia um fracassado profissional.

* * *

Atualmente eu moro numa rua tranquila no bairro do Butantã. Aliás, minha rua nem parece “São Paulo”. Lembra uma típica vila do interior, onde trafegam poucos carros e transeuntes, seja o horário que for.

E todo mundo se conhece desde sempre. A vida passa numa velocidade incompatível com o resto da metrópole. Enfim, é maravilhoso viver aqui. Não carrego saudades do outro bairro repleto de frescos e frescuras.

* * *

A deprimida calmaria das três da tarde foi abalada por uma saraivada de uivos ensandecidos disparados por uma gazela no cio. Eu estava na sala, tentando ler alguns cadernos de uma Folha ancestral, quando fui surpreendido pelos esculachos atrapalhados de alguém incomum certamente carecendo de ajuda.

Encafifado, levei um minuto para abrir a porta. Olhando para além da cerca baixa que separa minha privacidade da casa ao lado, deparei-me com a visão abilolada de uma moça loira, magra e desengonçada tentando abrir o porta-malas de um Gol verde-musgo caindo aos pedaços.

Aquela gata possuía as unhas mais longas e vermelhas que eu já tinha visto, além de carnes baixas muito bem empinadas que ataçaram imediatamente minhas vocações, a gritar alucinadas para o meu pinto natimorto.

Você precisa tomar uma atitude digna perante a vistosa donzela em apuros!

Pigarreando em ridículo falsete, logo chamei a atenção da mocinha. E qual não foi o meu espanto quando um avermelhado rosto triangular coberto por uma levíssima penugem negra, onde dois olhos verdes artificiais brilhavam em conjunto com um sorriso de incríveis dentes alvos, lábios da cor da avelã e uma voz afetada me apresentaram com um alegre e teatral:

“Bom dia, lindinhooo!”

“Ol... lá”, eu respondi, gaguejando, tentando esconder o tremor das minhas mãos suadas.

“Você é novo... nova por aqui?”, continuei, desbundado diante daquela originalidade em forma de gente.

“Você é *homem*?”, acrescentei num sussurro para mim-eu-mesmo, deformando uma careta de reprovação pela minha pergunta cretina, deselegante, indiscreta.

“Oh! Oi piá. Sim, sou nova aqui. Acabo de me mudar. Na verdade, acabei de pegar as chaves da casa com minha irmã, a Vânia.”

“Aliás”, ela torpedeou, encostando seu corpo alto, atlético, quase translúcido, na cerca que protegia meu reinado, “Minha irmã me disse que havia um menino

encantador que seria meu novo vizinho. E pelo jeito”, ela piscou para mim, “você deve ser o tal lindinho!”

“Ah, e pro seu governo, eu sou mais do que homem, mais do que mulher. Eu sou Divina!”, ela cantarolou entre firulas desnecessárias, abrindo um leque de possibilidades.

Eu não sabia se ria, se voltava voando para os fundos do meu quarto ou se engolia em seco e encarava aquela viadagem de peito aberto.

Meus pais me educaram para não cultivar preconceitos de espécie alguma. Porém, é mais fácil afirmar que somos imunes à Ignorância só enquanto não encaramos o problema beliscando a nossa fuça.

Pimenta no cu dos outros...

“Meu nome é Rod. E o seu?”

“Humm, com essa cara de espanto... você prefere meu nome documental ou meu nome artístico?”, ela disse, jogando a deslumbrante cabeleira alourada para trás.

“Nome artístico? Que porra é essa?”, indaguei, rindo contrariado, de tão nervoso.

“Nunca diga ‘porra’ na frente de uma dama, viu lindinho!”

“Tá certo. Então, nunca diga ‘lindinho’ para um homem estranho. Ele pode se zangar”, afirmei, totalmente sem convicção.

“Homem? Estranho?”, ela gargalhou até perder o ar rarefeito.

A loira deixou cair a máscara da Alegria. Ela flutuou durante alguns metros até o seu amadeirado portão escancarado. Saiu à calçada em desfile militar. Após seis passos largos, destravou minhas grades de ferro, galopando em rota de colisão até minha cadeira de rodas bamboleante.

Ela parecia uma modelo da Victoria's Secret com um salto maior do que o outro, bailando na passarela. Uma cena hilária e assustadora ao mesmo tempo.

Escrutinando-me com lava a rondar aqueles olhos que antes fulguravam delicadas esmeraldas sintéticas lapidadas à paraguaia, na minha frágil mente atordoada a donzela transformou-se num macho rústico com desconcertantes traços de barba de três dias a provocar em mim o mais terrível dos calafrios.

Senti-me inferior, indefeso, ferido.

Levamos alguns segundos na troca de encarnações mal-humoradas.

Com a voz mais sepulcral do mundo, o agora Homem das Cavernas esticou um braço fino e comprido, onde pulseiras metálicas de todas as cores ricocheteavam umas nas outras, produzindo um som peculiar igual a sinos de vento.

Sua mão incrivelmente sedosa, de dedos afilados, agarrou minha acanhada mão esfolada de homem-menino-bobo.

“Rebbeca Feelings. Com dois ‘B’. Este é o meu nome!”

“Ro... Rod Mül... ler. Com dois ‘L’. É assim que eu me chamo.”

Tentamos sustentar nossos olhares viris e o aperto de nossas mãos desafiantes durante mais alguns instantes. Sem aguentar aquela tortura adolescente, desabamos nossas pantomimas e caímos na mais gostosa das gargalhadas.

“Então o lindinho se chama Rod? Hummm. Adorei seu sotaque, Rodopiá!”, trinou Rebecca, voltando ao seu estado normal.

“Bom, senhorita Feelings, seja bem-vinda ao nosso humilde bairro”, eu galanteei, entre risos escrachados, diminuído atrás da minha imposta timidez.

“Ah, meu lindinho, se você soubesse onde eu morava antes de vir pra cá”, suspirou Rebecca.

“*Paradise is here*, como dizia minha amiga Tina”, ela completou, estalando os dedos, criando um círculo imaginário ao nosso redor ao rodopiar seu braço esquerdo no ar agora gliterizado.

E dá-lhe trinados de pulseiras.

“Rodopiá, vamos lá, você vai me ajudar com os primeiros pacotes”, ordenou Rebecca, dando a volta por trás de mim, assumindo o controle da minha cadeira enferrujada, desbalanceada, arisca.

Sem mais noção de nada, deixei-me levar. Abandonamos meu refúgio e paramos ao lado do opaco carro moribundo da estrela dourada. A *lady* que não era moça despejou uma porção de tralhas achatadas em sacos pardos, sacolas plásticas repletas de quinquilharias, além de uma bolsa de náilon que certamente escondia um hipopótamo embalsamado, devido ao peso descomunal esmagando meu frágil colo deslocado.

Sem cerimônia, minhas coxas e minha cadeira se tornaram um depósito de compras e mudanças. E lá foi Rebecca me empurrando para dentro da casa mal-assombrada.

Assim que as cortinas da agigantada janela da sala foram escancaradas, a luz difusa de uma tarde fria, enevoadada, deu um tom de vida para aquele lugar que repousara na escuridão nos últimos dez, doze meses.

“Huumm, até que tá bem melhor do que idealizei!”, suspirou Rebecca, bailando entre os cômodos.

Vânia, a antiga moradora, havia ganhado do Baú do Sílvio Santos um apartamento de dois dormitórios, novinho em folha e mobiliado, numa daquelas gincanas malucas onde se roda um treco numérico gigante. Ah, e ganhou um carro também.

Pra ser sincero, eu já nem me lembrava de quanto tempo ela tinha deixado aquela casa de vez. Afinal, eu não saía muito do meu casulo. Meu mundo, nos últimos cinco anos, era o meu quarto.

Sempre tive um carinho enorme pela Vânia. Ela me “adotou” assim que *pus os pés na vizinhança* (eu preciso ser irônico), tornando-se, com o passar do tempo, responsável por mim enquanto minha mãe me ignorava quase por completo, atenta apenas aos meus cuidados mais básicos. Quando Vânia tinha seus compromissos, tia Cida assumia o seu lugar.

Rebecca abriu todas as janelas da casa. Uma brisa em gelos secos tomava conta de todas as frestas, levando embora os odores do abandono. Móveis empoeirados gritavam por uma faxina emergencial. Só a cozinha aparentava certa decência e ordem, com tudo nos conformes.

Como o peso demasiado me impedia sair do lugar, eu dependia da atenção alheia para voltar a ter liberdade.

Enfim, Rebecca captou meu desespero. Sem demora, apanhou cada bloco em meu colo, depositando um a um sobre a mesa da cozinha, no corredor ou na sala, enquanto cantarolava num inglês perfeito a famosa música da Tina Turner. Sua voz era límpida, deliciosa de se ouvir. Pelo menos enquanto cantava.

Ao agarrar a última sacolinha de compras, Rebecca tocou em meu sexo desencarnado com as costas da sua mão alcalina.

“Ops!”, ela murmurou, num sussurro, levando dois dedos até os lábios em formato de um biquinho serelepe.

Imaginando que minha reação poderia descambar para uma possível baixaria, me surpreendi ao encarar aquele “atrevimento” como uma divertida brincadeira sem um pinga de maldade. Não pude deixar de rir da safadeza da minha mais nova amiga. Ou amigo, sei lá eu!

Assumi que a Diversidade abençoava aquele encontro. Sentíamos o aconchego como velhos conhecidos. A energia que aflorava do desprendimento de Rebecca invadia meu ser em serenidade e renovada alegria. Um misto de espanto e curiosidade digladiava dentro de mim-eu-mesmo. Uma parte queria fugir dali e esquecer aquela “aberração” fora dos padrões a que fui obrigado aceitar como concretas por tanto tempo. Outra parte queria permanecer exatamente no mesmo lugar. E conhecer melhor aquela personagem de um conto de fadas escalafóbico que havia emprestado seu encanto à minha vida enfadonha. Naquele ambiente embebido em magia e medo, Rebecca representava a alegria de viver que eu havia perdido há muito, muito tempo.

“Eiii, Rodopiá, acorda! Gosta de Coca-cola?”, gritou Rebbeca da cozinha, estalando os dedos sólidos recobertos de unhas colossais, num tom vermelho-hemorragia hipnótico, tirando-me dos meus sonhos impossíveis.

“Sim, obrigado”, eu confirmei, já de posse de uma latinha ultragelada do delicioso refrigerante, que surgiu não sei de qual contêiner.

“Então, o que vamos improvisar agora? Limpar a casa, fazer amor loucamente ou destilar nossos falsos currículos sociais?”, questionou Rebbeca, rindo a cântaros, enquanto jogava os cabelos pra lá e pra cá, passando por mim, procurando um centímetro confortável no apertado sofá.

“Vamos começar pelas apresentações tradicionais. É melhor assim”, eu disse, tentando entrar no clima, criando a melhor careta de homem sério.

“Depois da troca de apresentações, pulamos a fase do namoro. Daí a gente casa e só assim poderemos fazer amor, porque minha religião não permite sexo antes do casamento.”

Uma nuvem de Coca tomou conta da sala. Rebbeca quase engasgou com o restante do líquido regelado, despencando na casquinada, onde seu corpo sem ossos desabou de vez no sofá medonho, poeirento, exausto de tanto rir.

“Amei você, Rodopiá. Então, sem perder um minuto sequer, aqui vou eu!”, ela disse, tentando recuperar o fôlego, limpando a boca com as costas da mão esquerda, masculinamente, buscando ar em longas inspirações.

“Por enquanto, meu nome de batismo é Carlos Roberto de Almeida. Tenho 32 anos. Sou enfermeira. Três vezes por semana, à noite, sou uma artista de relativo sucesso popular. Quando não estou trabalhando no primeiro serviço de sustento, sou ainda mais mulher, assim mesmo, de corpo e alma e roupas agarradinhas. Afinal, eu posso. Eu tenho o que mostrar, meu amor. Sou única, poderosa e ‘gostosa’ pra caralho!

“Minha existência se resume, durante o dia, a cuidar com extrema dedicação e carinho daqueles que têm o corpo e consequentemente a alma dilacerada por algum desencanto da vida. E à noite, com máxima alegria, me jogo e me entrego a cantar e dançar sobre um palco iluminado e assim divertir as bichas que se estrebucham de inveja ao me ver brilhar enquanto encarno minhas divas ma-ra-vi-lho-sas durante boa meia hora. Aliás, Rod Lindinho, saiba que Tina, Barbra, Madonna, Cher, Donna Summer... elas invadem o meu ser. E daí eu solto tuudooo... e arraso em poses e timbres e rebolados sobrenaturais, pode apostar, Rod Lindinho. Eu aaa-rraaa-sooo! Pronto. Essa é a minha rotina gloriosa.”

Rebbeca depositou a latinha de Coca bem amassada no piso empoeirado da sala fora de esquadro. Em seguida, como num passe de mágica, enrolou seus longos

cabelos naturais num coque delicado, prendendo-os com um pedaço de tecido elástico que surgiu de um dos bolsos do seu *jeans* repleto de pedrarias.

Fiquei maravilhado. Que transformação!

Apontando para mim com seu dedo indicador e sua unha ameaçadora, era hora de iniciar a minha apresentação pessoal:

“Bom, meu nome é Rod. Tenho 19 anos. Sou filho único. Moro há *uns par* de anos aqui na casa ao lado. Nasci e fui criado no Brooklin. Sempre fui um cara alegre, de bem com a vida. Há cinco anos sofri um acidente de moto. Voltávamos de um jogo do São Paulo. Paramos num bar para beber umas cervejas. Por birra infantil e insistência ignóbil, meu pai cedeu às minhas chantagens e finalmente era eu quem pilotava na volta. Estava bêbado. Papai, todo orgulhoso e feliz, virou o garupa. Bêbado também.

“Ao pegar o rumo de casa, perdi os sentidos por alguns segundos. Lembro-me que pisquei ou fechei os olhos por um tempo impreciso e imediatamente minha moto foi abalroada por não sei quantas espaçonaves. Fui jogado bem longe, para um lado. Meu pai rodopiou mais adiante. É o que me contaram. Acordei numa cama de hospital, travado da cintura para baixo. Meu velho não teve a mesma sorte. Está dormindo até hoje debaixo de um tampo de granito. Minha mãe me odeia. Acha que a morte do seu marido foi culpa minha. Carrego esse fardo, tudo por causa da porra da falta do diálogo e do perdão. Desculpe-me. Não posso continuar. Esse é, enfim, meu parco currículo impessoal.”

Inevitável o transbordar de um amazonas de lágrimas. Sempre tive pena de mim-eu-mesmo. Não conseguia encarar Carlos Roberto/Rebbeca diretamente.

“Ai, ai, ai. Comovente, lindinho. Mas tá na hora do senhor dar a volta por cima, viu?”, debochou Rebbeca, agitando o rabo-de-cavalo enquanto se levantava do sofá que já tinha vivido melhores dias.

“Não ligo a mínima pelo que você passou. Não tô nem aí pelo fato de você estar preso a uma cadeira de rodas. Tudo o que eu sei é que você é lindinho demais pra ficar se lamentando. Vamos, *up bofie!* Há um mundo maravilhoso lá fora que precisa de você”, completou a loira, estalando os dedos, iluminando meu caminho com o sorriso mais esplêndido que uma pessoa vivida e equilibrada permite transparecer.

“Vejo casos como o seu trocentas vezes todos os dias. E acredite, tem muita gente num estado bem pior do que você, lindinho. *Beeem* pior!”

Rebbeca ajoelhou-se diante de mim, tocando com firmeza as minhas coxas sem vida. Eu apenas senti um leve formigamento perpassar minha pele e algo em seu toque mágico me levou a engolir as lágrimas restantes. Eu queria me levantar e me atirar num longo abraço cúmplice trocado com um possível amigo verdadeiro.

Pela primeira vez eu senti que alguém me tratava não como um inválido, um coitado, mas como uma pessoa comum e corrente. Desajeitado, toquei nas mãos glaciais daquele anjo sem sexo. Rebecca segurou minhas palmas molhadas e beijou com carinho as extremidades dos meus dedos trêmulos.

Não encarei esse ato como algo libidinoso. Minha porção machista-ignorante foi soterrada pelo meu lado sensível e aberto ao Novo. Naquele clique, me senti protegido. Não há nada mais gratificante do que ser amado por alguém que não te julga; só expõe uma doce sinceridade nos atos e no coração.

Meu anjo manco sussurrou em meu ouvido afirmando que eu estava diante de uma grande oportunidade de mudanças, desde que eu reagisse com firmeza perante o desânimo.

Mudando focos, de tão maravilhado ou confuso ou nervoso ou tudo misturado, perguntei se ela se vestia e se portava como mulher ou como homem no seu trabalho nos hospitais. Minha dúvida era sincera, não baseada no Negativo e sim na educação da minha ignorância.

Rebecca, mestra paciente, inspirou fagulhas etéreas suspensas no ar renovado. Tranquila e maternal, ela me disse que suas vestes e suas atitudes refletiam exatamente como ela se sentia. Mas o que valia era a sua postura decidida perante qualquer um a cruzar as mesmas trilhas. Ela procurava educar seu semelhante, mostrando o real valor das suas atitudes enquanto profissional e ser humano. Ela ganhava o carinho e o respeito alheio justamente por oferecer o mesmo durante a troca do bom diálogo, provando que não há diferenças quando a alma é justa e equilibrada. É claro que ela já havia passado por momentos muito difíceis: em casa, na escola, nos primeiros trabalhos. Mas diante de cada rasteira dos Selvagens, ela se fortalecia, se reerguia e mantinha o passo firme, sem jamais revidar violências. Cada ataque fazia florescer uma energia renovada; uma força que ela direcionava aos estudos do comportamento da humanidade. Resolveu combater os infortúnios com um sorriso no rosto, emoldurado num semblante educado que desarmava seus oponentes, onde uma compreensiva alegria de viver sufocava de vez os demônios alheios. Foi assim que ela conquistava cada vez mais o seu próprio espaço, levando alegrias e estímulos capazes de modificar vidas, em qualquer local ou situação que ela fosse capaz de materializar a sua magnífica presença.

“Não é a genitália que define minha capacidade e o meu caráter. Sendo divina no meu trabalho, eu ofereço estudadas soluções de modo a amenizar sofrimentos. Sendo completa nas minhas noites, eu oferto escapes muito bem coreografados com a intenção suprema de incentivar a liberdade nos meus Iguais. No final de todas as contas, eu procuro ser simplesmente EU mesma!”

Aceitei o privilégio de ser bem orientado. Que bom seria se todas as pessoas não fossem tão fanáticas em “pitacoar” a vida alheia e passassem a construir parcerias capazes de engrandecer a Vida como um todo!

“Se hoje fosse seu aniversário, qual seria o seu maior desejo, Rodopiá?”, questionou Rebbeca, com uma ternura deliciosa no tom de voz.

“Rebbeca, hoje *é* o meu aniversário”, eu confirmei, encabulado.

“Juuuraaaa, Lindinhooo! Tô engomada!”, gritou, num tom grasnado, a louca da minha amiga.

Rebbeca levantou-se de supetão, desfazendo o elástico, massageando o couro cabeludo com vigor e finalmente, de uma maneira mais do que empolada, jogou as longas madeixas sedosas num raio trezentos e sessenta.

“Preciso ligar pra minha mãe. Urgente!”

A doida loiro-cereja caçou o celular dentro de uma segunda maleta hipopotética. Ao encontrá-lo – um V3 Pink! –, foi até a cozinha, arrastou um dos banquinhos de plástico que estava debaixo da mesa, sentou, cruzou as pernas num teatro-cabaré e começou a discar para a mamãe.

Quatro segundos depois:

“Oiê. Tudo bem com a senhora? Bom também. Mãe, eu preciso de um grande favor. Preciso da receita do seu bolo. Que bolo? Aquele, mãe, aquele de chocolate e coco que a senhora sempre faz para tudo quanto é visita que vai à sua casa todo santo sábado. Sim, mãe, eu sei. É verdade, mãe. Eu não me lembrava, mãe. Tá bom, mãe, eu vou tentar. Certo, mãe... hum hum... claro, eu entendo, mãe. Tá tudo bem, mãe. O.K., mãe. Até mais, mãe... *Ops!* Caiu a ligação!”

Rebbeca riu, ruborizada, fechando o telefone em concha, desligando o dito-cujo na fuça da mãe tagarela.

O que aconteceu logo em seguida me deixou sem fôlego.

Rebbeca foi até o carro, pegou uma pasta de lona, remexeu em dezenas de papéis e folhas e agendas ancestrais. Dando um gritinho de triunfo, vi quando ela sacou um delicado índice telefônico, na verdade, uma agendinha furreca de capa de plástico laranja-fanta.

“AAAA... BBBB... Bolo da Mãe. Achei!”, vibrou Rebbeca, encontrando finalmente a receita do famoso doce no lugar mais inusitado possível.

“Açúcar, farinha de trigo Renata Poderosa, chocolate em pó dos Padres Gays, leite da vaca Mimosa, um pacotito de coco... não era mais fácil comprar um monte de Prestígio?... seis ovos frescos de Galinhas Frescas... huumm, conheço um monte...

Fermento em pó Royal básico... huumm, deixa eu vê... bate aqui, mistura ali. Entendido. Já sei fazer um bolo!”

A espevitada meteu o dedo na minha fuça, pedindo para que eu não saísse dali sob nenhuma hipótese. Foi dado um beijo no alto da minha cabeça formiguenta e de repente Rebbeca já havia ganhado o mundo, zunindo dentro do seu Gol Museu.

Sozinho, numa casa estranha (é engraçado que após tantos anos, era a primeira vez que eu entrava na casa de Vânia), tentei colocar todos os meus pensamentos em fila indiana. Levei minutos eternos para alcançar tal feito.

E lá estava eu, na nova casa de um ser intergaláctico, na expectativa de ganhar uma festa de aniversário inusitada, dentro de uma situação pirada demais para mim-eu-mesmo. Ri até verter novas lágrimas do mais puro espanto. Meu rosto ficou corado, pipocando pimentas dedos-da-moça. Eu estava muito nervoso e completamente indeciso. O que é novo sempre nos assusta.

Atarantado com as emoções saltando alucinadas de todos os poros, exausto, desabei num providencial cochilo quase instantâneo. Minha válvula de escape sempre se fazia presente quando eu estava prestes a despencar de cima do Grande Muro da Ignorância.

Dormir é a melhor fuga para longe dos defeitos da realidade. É quando descobrimos as respostas mais certas, anestesiados em alegrias e dúvidas e temores.

Desabei.

* * *

Tomei um susto enorme quando um liquidificador entrou em ação.

Deslizando minha cadeira de rodas até a origem do escândalo, levou um largo minuto para que meus olhos e meu cérebro conseguissem focar uma Adriane Galisteu às avessas no centro de uma cozinha mágica, tipo Ana Maria Braga.

Agora Rebbeca trajava um short minúsculo, cor de areia. No lugar de coxas depiladas, milhares de milimétricos pelos galvanizados cobriam um par de pernas torneadas à custa de muita academia. Não posso negar que aquelas colunas gregas eram belíssimas. Senti inveja.

“A Transparente-de-Neve acordou para a vida? Uebááá!”, uivou Rebbeca, acima do grito doentio e esforçado do eletrodoméstico nascido em 1492, enquanto batia manualmente, sem compasso, o que julguei ser o recheio ou a cobertura do bolo bailando numa travessa refratária.

Esfregando os olhos, aceitei que aquela cozinha era uma baderna só. Estava mais do que comprovado que ela não sabia cozinhar.

Tentando ser discreto (odeio bagunça), fui apanhando sacolinhas de plástico, embalagens de papel, cascas de ovos e mais uma infinidade de restos e deposei o montante numa improvisada lata de lixo feita com umas das caixas de papelão onde Rebecca havia trazido parte da (certamente) primeira leva dos seus pertences.

Depois da quase limpeza, eu fiquei observando minha loira (minha loira?) no seu malabarismo insano, tentando produzir algo comestível para mim-eu-mesmo.

Que meigo!

Rebecca melava tudo, limpava a mão novecentas vezes por minuto num pano de prato recém-adquirido e cantava, *Gsuis*, como ela cantava sem parar.

Um desfile de sucessos dos anos 1980 invadiu a cozinha de nostalgia. Parecia a programação da Antena 1, que minha mãe tanto adorava.

Para não ficar atrás, assim que Rebecca começou Diana Ross, exalando seus agudos perfeitos, recordei as aulinhas de inglês.

Sem graça, tímido pra caralho, dei o melhor de mim num Lionel Richie repulsivo.

No andar da disney-carruagem, acho que não fiz feio, porque a todo momento eu era brindado com o sorriso mágico daquela estrela fulgurante de infinitas madrugadas.

Eu estava engolfado em pura magia.

Após uma pausa para um rápido xixi (rápido pra fazer; mas um verdadeiro martírio estar num banheiro não adaptado) enquanto o bolo assava, na volta do mijador notei Rebecca roendo unhas curtas, brancas e limpas.

“Ué. Cadê aquele monte de garras enormes, verm...”

“Ai, ai, ai, Rodopiá. Aquilo é tudo *fake*! Era só um teste que eu estava fazendo, talvez para usar no evento de amanhã”, disse Rebecca, sentada em seu banquinho. “Será que o gás vai dar?”, ela choramingou, apreensiva, observando o resultado das suas roeduras.

Mais uma descoberta amalucada.

Ficamos ali, eu observando minha amiga preocupada com o gás e ela olhando ora para as unhas naturais, ora para as minhas retinas de menino assustado e ansioso.

Num tempo não mensurado, ela continuava a me presentear com aquele seu sorriso salvador, acolhedor, único.

“Lindinho, bom, sabe né, eu sou eficiente em muita coisa. Mas devo revelar que sou uma *fastfoodeira* de carteirinha. Eu sempre como fora. Comida, é claro!”

“Eu percebi... ha, ha, ha... me desculpe”, enrubesci.

“Tá bom, tá bom, eu confesso: tô fazendo meu primeiro bolo na vida. Se esse troço ficar bom, vamos nós dois levar um pedaço pra sogrinha. E você terá que ser cúmplice dos meus esforços culinários, combinado?”, sentenciou Rebbeca, esticando a mão para um cumprimento de palmas estaladas.

“Sogrinha? Eiii, eu ainda sou muito novo pra casar!”, retruquei, debaixo de um sorriso introvertido.

“Meu *bofie*. Nascemos um para o outro. Tá na cara que sou eu A Escolhida a retirar sua virgindade febril. Aiiii.... qui *diliça!*”, riu Rebbeca, batendo o cabelo pra lá e pra cá feito uma planetária da Arno.

Meu semblante desabou. Não consegui disfarçar o mal-estar. Aquela brincadeira inocente ruiu minhas estruturas.

Sim, confessei para Rebbeca: eu era realmente virgem. Um virgem oficial. Nunca, jamais tive a chance de dar um beijo sequer numa garota. Meter então? Era um sonho ultradistante, além de impossível.

Ficar sem os movimentos na parte baixa do meu corpo até que superei quase sem traumas dissonantes. Não foi nada fácil. Mas aprendemos a nos adaptar diante de barreiras intransponíveis. Sempre há um novo caminho que nos indica uma velha direção.

Nunca me esqueço do dia em que, ao lado da tia Cida, o médico me alertou sobre as ínfimas chances de eu conseguir, no futuro, manter alguma atividade sexual. De nada adiantou ele afirmar, por outro lado, que era um verdadeiro milagre eu ainda ter controle sobre as contrações do meu cu e do meu pinto, assim eu não precisaria usar fraldas ou coisas do tipo.

No more punhetas. Nada de cacete duro – e olha que eu tinha um belo mastro! –, nada de comer uma buça, nada de filhos naturais, nada de perpetuar a espécie.

Que ódio. Apesar da pouca sensibilidade, nem dar o cu eu poderia.

Caralho! Porra! Nem pra viado passivo eu prestava!

Petrificada, Rebbeca levantou-se com vagar, disfarçando certo constrangimento. Desligou o gás, abriu a porta fumegante do forno, retirou a assadeira pelando. O bolo tinha um aspecto até que apresentável. Só faltava conferir o sabor. Ele passou a repousar sobre a pia de inox.

“Venha sentar-se aqui na sala, Rod Lindinho”, disse Rebbeca, onde seu tom de voz parecia a ordem de uma irmã mais velha. “*Ops...* você já está bem sentado... hi, hi, hi!”

Correção: não era, definitivamente, minha “irmã”. Era Rebbeca sendo apenas... Rebbeca.

Arrastei minha cadeira de rodas até a sala. Mais uma vez, a senhorita Feelings apontou seu dedo alongado na minha fuça chucrute, com a diferença de agora ela pousar suavemente a ponta do dedo indicador nos meus lábios secos.

“Hoje é o seu aniversário, correto?”

“Sim, é. Este era para ser o dia mais importante da minha vida.”

“Huumm... tá certo... então, pode deixar comigo. Prometo que hoje será o dia mais fantástico da sua problemática existência”, ressaltou Rebbeca.

“Feche os olhos. Vou agrupar as cortinas. Ouça umas músicas. Espere alguns minutos. Sua vida vai mudar. Eu prometo.”

Rebbeca me deixou plantado na sala, mais uma vez. Já era começo de noite, o frio tornou-se mais intenso. Cerrei os olhos. Abracei meu peito. Ouvindo Loreena McKennitt para passar o tempo, meditei com um futuro mar de rosas do vento.

* * *

“Estou pronta. Abra sua alma!”, ronronou Rebbeca, suave e íntima.

Liberei as retinas. Aquela visão magnífica embotou o meu ser tosquiado.

Ela estava deslumbrante. Bruxalmente transformada em outra divindade.

Usando um longo azul quase transparente, onde contas diamantes ricocheteavam matizes azuis e dourados, a maquiagem perfeita (como ela conseguiu fazer aquilo tão rápido?) apagara as feições de uma simples mortal – Rebbeca – e diante de mim, Barbra, a rainha das deusas, se materializava como que por encanto.

Santa Mãe que me ensinou a gostar do que é perfeito. Imaculada Antena 1!

A mão direita, onde um anel dourado com uma pedra lilás enorme parecia sufocar o coitado do dedo mindinho, pousou com delicadeza sobre os botões do rádio-cd Neandertal.

Tudo era superlativo naquela sala não mais mofada.

Três toques depois, a música escolhida foi ganhando o ambiente. Somente a luz fluorescente da cozinha buscava iluminar a estrela da noite, como se isso fosse realmente necessário.

The way he makes me feel foi dublada numa performance celestial. Eu conhecia essa música de cor e salteado, porque minha tia e minha mãe adoravam Barbra Streisand e eu já havia assistido Yentl pelo menos quatro milhões de vezes.

Tia Cida morreria de inveja de mim-eu-mesmo se soubesse do meu momento *bafônico* (não acredito que estou usando uma expressão que aprendi com minha nova tutora, enfermeira do meu coração). Que privilégio assistir um espetáculo privado e exclusivo.

Barbra Rebbeca Feelings era a minha deidade, a minha amada, o anjo caído do Terceiro Céu dos Seres Perfeitos, programado para salvar a minha vida não mais medíocre.

Sim, anjos realmente não têm sexo.

Rebbeca ora cantava, ora dublava, ora bailava me encarando com uma ternura, uma sedução intrínseca que nenhuma outra desse mundo conseguiria reproduzir com tamanho esmero.

Eu descobria naquele ponto de luz que os gays são mais do que seres humanos especiais. São criaturas divinas moldadas por Deus para espargir cor, alegria, vida e esperança a um mundo tão imperfeito e incorreto quanto o nosso.

Os gays são... realmente... a Luz do Mundo!

Rebbeca era o homem, o amigo, o cara que deu um belo cutucão nos meus colhões e mostrou que eu precisava abandonar meu estado de vítima e adentrar ao estado de homem de bem, com uma vida vencedora pela frente.

Gays são... acima de tudo... grandes parceiros!

Rebbeca era a mulher, a deusa, a princesa que seduziu meu coração com sua graça, sua alegria esfuziante, que mesmo tendo uma vida sacrificada e simples, sabia dar o valor exato ao ser humano que tinha a sorte de cruzar o seu caminho.

Gays são... bondosos e extremamente... prestativos.

Eu imaginava os pacientes de Rebbeca. Eu vislumbrava a alegria e a confiança deles ao se deparar com um ser tão iluminado.

Gays são... alegres e debochados... por natureza.

Mas naquela hora mágica, no meu dia inesquecível, ela era minha. Só minha!

Meu olhar encharcado, ao final da canção, implorou pela perda da virgindade labial. Agora era eu que desejava ser o homem daquele divino.

Eu queria sentir o gosto Trans Lúcido do primeiro beijo.

Fui atendido.

Rebbeca me beijou. E eu jamais poderia imaginar que o beijo de um ser acima da Dualidade pudesse ser tão delicado na sua intensidade. Nada comparável com aquelas cenas de televisão. O toque dos lábios sensuais, a união das línguas viris, a troca de delicados vapores etéreos das nossas narinas ofegantes.

Eu beijava pela primeira vez. Ah, meu Deus, como isso era bom!

Sem desgrudar sua boca da minha, Rebbeca carregou-me em seus braços. Troca de papéis, a mulher segura o homem. Eu chorava e soluçava feito uma criança recém-nascida.

Ela depositou com extremo carinho e cuidado – oh, enfermeira experiente! – a minha alma expandida por sobre uma naftalínica cama de casal.

Seus cabelos dourados cobriam meu rosto afogueado e sua boca vermelha sugava meu pescoço, subindo os dentes-porcelana até minhas orelhas que jamais haviam experimentado tamanho arrebatamento. Eu estava perdendo o controle de mim-eu-mesmo. Ah, meu Deus, como isso era realmente bom!

Das orelhas, a língua ansiosa de Rebecca atingiu meus ombros. E cada lado foi agraciado com beijos e carícias de lábios, língua e mãos aquecidas pelo Amor.

“Tire a minha camisa”, eu implorei a ela. “Com força, pois eu não sou feito de papiro!”, afirmei.

Rebecca, séria, rasgou minha velha camisa do São Paulo em três partes. Senti seus dentes impecáveis mordiscarem meus mamilos. Que porra é essa, meu Deus!

Entre beijos lancinantes, desfiguramos máscaras e maquiagem. Eu segurava seus cabelos longos, macios e cheirosos. Meu cacete sem vida formigava, implorava para ficar em pé, em vão. Rebecca parecia não se importar com isso e foi logo baixando minha bermuda, bolinando minhas pedras virgens.

Uma de suas mãos frias tapava o vão dos meus lábios. Minha respiração parecia ser interrompida a todo instante. A paciente boca de Rebecca sugava, mordida, beijava, lambia, cuspia, se esfregava sobre meu pau indiferente. Eu sentia que o inexplicável estava para acontecer. Eu chorava. Chorava copiosamente. Ascendente desespero, tesão e descoberta. Tempo fora do tempo. Delírios do meu Setembro. No ímpeto do prazer supremo, pude ver o milagre satânico ocorrer diante dos meus olhos inchados, apalermados, extasiados. A porra, a doce e suave e primeira porra da minha vida de adulto, estampou como por encanto a face esquerda de Rebecca. Ela havia conseguido retirar minha pureza e expor minha beleza como um magnífico troféu!

A sensação de gozar pela primeira vez através do contato físico com outra pessoa foi algo que jamais conseguirei explicar em palavras golfadas.

Não consigo expressar como tudo aconteceu, na rapidez ou lentidão do ocorrido, na beleza das ações e na dedicação da minha amada em me mimosear com o mais maravilhoso dos presentes. Eu era um homem feliz. Eu era um macho realizado. Eu estava... sim, confesso, confesso, confesso:

Eu estava amando pela primeira vez.

Amando um SER HUMANO!

* * *

A garoa paulistana e o vento sudeste brincavam lá fora em algazarra sinfonia. Eu e Rebecca permanecemos boa hora abraçados, enamorados sobre o colchão de molas.

Rebbeca não parava de acarinhar minhas coxas. Mesmo eu nada sentindo no plano físico do toque, meu espírito captava o carinho emanado por aquelas mãos-sininho.

“Quero gozar”, disse Carlos Roberto, beijando a ponta do meu nariz adunco.

“O que eu devo fazer?”, perguntei, ansioso por retribuir o prazer que ele havia me proporcionado.

“Só me beije. O resto é por minha conta”, ela disse, manipulando um pau de grosso calibre para cima e para baixo.

“Não, Rebbeca. Dê-me a chance de fazer o ato por completo”, insisti, tocando com determinação naquele mastro-vampeta.

Notei o sorriso de Rebbeca a iluminar minha iniciativa. Desajeitado – afinal de contas, era a primeira vez que eu tocava num pau que não era o meu! –, lá estava eu batendo uma punheta para uma mulher que agora era o meu homem e que seria a minha esposa, culminando a parceira ao se transformar no meu melhor amigo.

Em segundos, peguei o jeito certo da coisa ereta. Adorei.

Foda-se toda Convenção, Siglas ou Rótulos. Eu estava batendo uma para Barbra, e daí? Quando é que você aí do outro lado teria a porra dessa chance, ô meu!

Apertei aquele cacete com mais força e Rebbeca bailava o seu corpo formoso em sincronia com meus movimentos quase ritmados. Em ângulos impossíveis, beijei-a, mordi sua língua avinagrada, socava o seu caralho como um macho experiente. Não tardou para Carlos Roberto depositar sobre meu peito a fartura do seu leite egípcio.

Larguei o beijo no ar e fui sentir o gosto de uma porra alheia. Lambi com veemência os vãos dos meus dedos. Voltei a beijar Rebbeca. Ela tinha o direito de sentir a alquimia única da sua essência mesclada com minha saliva juvenil.

Em prantos, vibrei ao superar todos os meus limites.

* * *

“Feliz aniversário, Rodopiá”, cantarolou Rebbeca, arfante, quase refeita.

Não respondi. Apenas sorri. Gargalhei. Perdi o controle de mim-eu-mesmo.

“O que aconteceu, lindinho!”, perguntou uma Rebbeca assustada.

“Tá na hora de você tirar essa bunda gostosa da cama, ir até a cozinha e trazer uma generosa fatia do *meu* bolo para *eu* comer.”

“Caralho, Rod Lindinho!”, gritou Rebbeca, esticando-se lentamente, enquanto massageava os longos cabelos dourados.

“Nem bem casamos e você já me joga pra cozinha?”

Rimos eufóricos, entre beijos e lágrimas.

“Vá, mulher. Hoje é o meu aniversário. E eu posso tudo! Eu sou o Super Homem!”

“Olha que o super-homem caiu do cavalo! Aiii, meu Deus, que maldade... he, he, he!”

Rebecca – desmontada – sumiu na cozinha, debaixo de uma onda de risos inocentes, sinceros, honestos, apaixonados.

Permaneci deitado, ignorando minhas barreiras físicas vencidas. Eu curtia os primeiros fragmentos de uma felicidade, olhando para o teto repleto de teias de aranhas invisíveis, ouvindo as estripulias do frio, da chuva e do vento do outro lado da janela. Na minha cachola radiante, a tresloucada noite havia se transformado em serena madrugada.

Cambotado de tanto rir, de tanto prazer, de tantas novidades, enxuguei meu rosto afogueado com as costas das minhas mãos azeitadas. Senti o cheiro da minha vitória no sexo. Agora eu era um homem completo. Um homem que descobriu o amor e o carinho por outro homem. Talvez uma nova mulher...

Mas o que isso importa agora?

Foda-se toda Convenção, Siglas ou Rótulos!

Afinal, anjos não têm sexo. E isso eu pude comprovar na prática!

Fechei os olhos. Senti a *maravilhosa* presença. Ganhei uma garfada bem recheada de uma tenra e surpreendentemente deliciosa fatia de bolo de chocolate coberta com raspas de coco industrializado.

“Feliz aniversário, Rodopiá, meu marido!”, vibrei com Rebecca proferindo a minha nova realidade, enquanto eu degustava o doce feito com amor de uma principiante pra lá de experiente.

Minha amada companhia.

Um anjo de codinome: Divina!

* * *

Para Lyla, de Jundiaí (SP)





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**